

OLIVIA DADE

ALERTA DE SPOILER



intrínseca

OLIVIA DADE

ALERTA
DE SPOILER

Tradução de Ana Rodrigues



Copyright © 2020 by Olivia Dade

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Esta edição foi publicada mediante acordo com Avon, um selo da HarperCollins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL
Spoiler Alert

COPIDESQUE
Thaís Carvas

REVISÃO
Agatha Machado

PROJETO GRÁFICO
Diahann Sturge

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS
© FOS_ICON / Shutterstock, Inc. (emoji)

DESIGN DE CAPA
Yeon Kim

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Leni Kauffman

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D121a

Dade, Olivia
Alerta de spoiler / Olivia Dade ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2024.

Tradução de: Spoiler alert.
ISBN 978-85-510-0683-2

1. Romance americano. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

23-87594

CDD: 813
CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 — Barra da Tijuca
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para todos que, como eu, já duvidaram: pessoas como você
podem ser desejadas. Pessoas como você podem ser amadas.
Pessoas como você podem ter um final feliz. Eu juro. ♥*

Entre uma tomada e outra, Marcus se esforçou para não deixar transparecer o óbvio: aquele era um jeito muito idiota de morrer.

Mesmo assim, quando escutou o diretor gritar “ação”, deixou escapar um urro gutural e saiu cavalgando em meio ao caos da batalha mais uma vez, entre as nuvens de fumaça sufocantes geradas pelas máquinas, sentindo na boca o sabor metálico da adrenalina. Assim como ele, dublês passavam cavalgando e urrando, enquanto o cavalo de Marcus sacolejava de maneira ritmada entre suas coxas. Um pouco de lama — ou alguma combinação nojenta de lama e bosta de cavalo, a julgar pelo cheiro — respingou em seu rosto. O equipamento adaptado disparava à frente, e a câmera no braço articulado acoplado ao SUV capturava toda a determinação e o desespero dele.

Tudo bem, Marcus não havia amado o roteiro daquela temporada. Mas amava *aquilo*. O aspecto físico da coisa toda. O fato de o generoso orçamento do programa permitir que comprassem aquelas máquinas de fumaça e a Spidercam que filmava a ação do alto, além de viabilizar a contratação dos dublês e as aulas de equitação que o próprio Marcus tinha feito. Aquele dinheiro garantia que hectares e mais hectares de terra na costa da Espanha fossem reservados com o único propósito de filmar o final da série, a batalha culminante, e havia possibilitado que a equipe pudesse ensaiar e gravar por semanas, e semanas, e sofridas e intermináveis *semanas* para conseguir as tomadas perfeitas.

E foram sofridas. Quase todas. Mas como os quase mil profissionais talentosos por trás das câmeras tinham produzido um cenário tão completo e convincente, Marcus nem precisava se esforçar muito para entrar no clima. A atmosfera caótica e turva ao seu redor o ajudava a incorporar o personagem, ainda que a co-

reografia literal e metafórica de um programa de TV de sucesso e daquela cena em particular ficassem voltando à sua mente, como um cachorro sempre retornando ao dono.

Não houve corte de cena quando Dido — Carah, sua talentosa colega de elenco há mais de sete anos, desde o começo da pré-produção da série — surgiu da névoa no lugar exato onde eles haviam ensaiado, a espada apontada diretamente para Marcus. Os *showrunners* haviam pedido tomadas longas e contínuas sempre que possível para aquela sequência de batalha.

— Estou aqui para me vingar, Eneias, o Traidor! — bradou Dido, a voz rouca e trêmula de raiva. E provavelmente também de uma exaustão real, imaginou Marcus.

Ele se manteve a uma distância segura, parou o cavalo e desmontou. Então, partiu para cima de Carah e derrubou a espada dela em um único movimento ágil, segurando-a pelos ombros logo em seguida.

— E eu estou aqui por *você*, minha amada. — Eneias segurou o rosto dela entre as mãos sujas. — Vim assim que soube que você havia voltado ao reino dos vivos. Nem mesmo o retorno dos mortos de Tártaro conseguiria me deter. Não me importo com mais nada, com mais ninguém. Que o mundo arda em chamas. Quero você, só você, e desafiaria os deuses para tê-la.

Marcus não se prenderia ao fato de que aquela fala contradizia temporadas de desenvolvimento do personagem, isso sem mencionar os livros que haviam inspirado a série. Não naquele momento.

Por um instante, Carah pareceu ceder ao toque dele, apoiando-se em sua mão.

Àquela altura do longo dia de filmagem, ela fedia. Assim como Marcus. E todos ao redor. Para não falar daquele campo coberto de bosta de cavalo. A lama havia se enfiado em lugares do corpo de Marcus que ele preferia nem pensar. No fim, não era um grande desafio mostrar desespero e determinação.

Dido o empurrou para longe.

— Você é um *semideus* — lembrou ela, com um toque de zombaria na voz. — Casado com uma semideusa, e, além de tudo, um adúltero. Você se deitou com a minha irmã, e, ao saber do meu retorno do reino de Hades, ela se deixou cair sobre a própria espada em desgraça por essa traição. Só torço para que a minha irmã também retorne dos mortos hoje e busque a própria vingança.

A vergonha, uma emoção que Marcus trazia à tona com tanta facilidade, o fez abaixar a cabeça.

— Pensei que havia perdido você para sempre. Lavínia pode ser minha esposa no título, mas não é a dona do meu coração. E Anna... — Ele franziu a testa, em um apelo por compreensão, apesar da aparente traição. — Ela não passava de um espelho que refletia uma imagem distorcida de você. Nada mais.

Um pensamento involuntário invadiu a mente de Marcus: *A Tiete Da Lavínia vai ter um ataque quando vir essa cena.*

— Você havia traído mortais, e agora traiu os deuses. Realmente, grande *Eneias, o Piedoso*. — Em um movimento ágil, Dido agachou e recuperou sua espada. — Mas terei a minha vingança primeiro. Todos os outros haverão de esperar para atormentá-lo na vida após a morte.

Ela segurou firme a espada e brandiu-a com destreza. Apesar do punho pesado de bronze, a lâmina era cega, feita de um alumínio leve, para segurança de todos os envolvidos. A dele era igual. Ainda assim, quando os dois começaram a coreografia que, àquela altura, já vinham ensaiando fazia semanas, houve um eco do impacto do metal.

Os movimentos fluíam sem que precisassem pensar muito, fruto de planejamento e de repetições intermináveis. Os profissionais responsáveis pela coordenação da luta haviam planejado cuidadosamente cada movimento para enfatizar que aquela era uma batalha de um lado só: Dido estava tentando atacá-lo, mas ele tentava apenas desarmá-la e evitar feri-la no processo.

Depois de afastá-lo com um movimento súbito e violento, ela disse em um arquejo:

— Nenhum homem vai me derrotar!

Mais cavalos galopavam ao redor. Parcialmente encobertos pela fumaça, fugitivos do submundo mordiam, chutavam e usavam armas descartadas para atacar os inimigos mortais e imortais que tentavam levá-los de volta a Tártaro. A luta de Dido e Eneias acontecia em meio a gemidos, morte e gritos.

Novamente, passos ensaiados na direção de Dido. Um passo da coreografia. Outro. Bloquear os movimentos determinados da espada dela.

— Isso pode ser verdade. — Marcus abriu um sorriso grande, predatório. — Mas como você acabou de lembrar a nós dois... sou mais do que um homem.

Aquilo era uma referência desajeitada à famosa fala tanto do segundo livro de *Deuses dos portões* quanto da segunda temporada da série, quando Dido murmurara nos braços dele que nenhum homem seria capaz de seduzi-la. *Sou mais do que um homem*, ele retrucara na época, e em seguida os dois haviam parado a filmagem para que a dublê de corpo de Carah assumisse o lugar dela pelo restante da cena.

Mais ataques de espada. Em alguns as lâminas se encontravam; na maioria, não. Então, chegou o momento fatal: para se defender da última ofensiva apaixonada de Dido, Eneias a empurra sem querer na direção da espada de ponta de borracha verde de um dos próprios homens dele.

O departamento de efeitos visuais ajustaria a espada e o sangue na edição. O público veria um ferimento fatal onde naquele momento havia apenas seda enlameada.

Lágrimas. Últimas palavras sussurradas.

Eneias se ajoelhou no campo de batalha e Dido morreu em seus braços.

Depois que ela partiu, Eneias deu uma última olhada na batalha que se desenrolava ao seu redor, os olhos úmidos. Viu que as forças do Tártaro estavam perdendo e que seus homens já não precisavam mais dele. Então, pousou delicadamente o corpo de

Dido no chão, ao lado da espada que havia sido um presente precioso que ele ganhara dela no tempo que os dois passaram em Cartago, e saiu caminhando em meio ao caos, permitindo que um dos mortos fugidos do Tártaro o atingisse com um golpe fatal.

— Nos encontraremos novamente nos campos Elíseos, minha amada — murmurou Eneias em seu último suspiro.

Durante todo aquele tempo, Marcus tinha deixado de existir. Havia apenas Eneias, desorientado, desolado, moribundo e esperançoso.

— Corta! — gritou o diretor, e a ordem foi ecoada por outros membros da equipe de filmagem. — Acho que dessa vez conseguimos tudo. Fechamos essa cena!

Enquanto o diretor e o coordenador de produção debatiam alguma coisa, Marcus voltou a si, piscando algumas vezes. Sua cabeça parecia estar flutuando, leve e desanuviada, como acontecia às vezes, quando ele se despia da própria pele e se perdia em um personagem.

Êxtase, de certa forma. A sensação pela qual ele vivera e se esforçara tanto para alcançar dia após dia.

E que não era o bastante. Não mais.

Carah se recuperou mais rápido do que Marcus. Ela se levantou da lama e deixou escapar um suspiro de prazer.

— Graças a Deus, cacete — disse, e estendeu a mão para ele. — Se eu quisesse lama na minha bunda, pagaria por um daqueles tratamentos detox de corpo inteiro e, nesse caso, a porra da lama teria cheiro de chá verde ou lavanda, não de merda de cavalo.

Marcus riu e permitiu que ela o ajudasse a se levantar. A armadura de couro que usava parecia pesar tanto quanto Rumpelstiltskin, o cavalo friesian que o tratador estava levando embora.

— Se serve de consolo, você está com o viço saudável de quem acaba de ser atingida por uma espada.

— Ah, que pena que eles já fizeram todos aqueles closes mais cedo. — Carah cheirou as axilas, franziu o nariz e encolheu os

ombros, resignada. — Merda, preciso de um banho *neste segundo*. Pelo menos terminamos por hoje.

Carah normalmente não esperava respostas quando falava. Marcus simplesmente assentiu.

— Só tenho mais uma cena para gravar — continuou ela. — No estúdio, no final da semana. A montagem do meu treinamento com a espada. E você?

Ele avaliou mentalmente as palavras, procurando algum sinal de falsidade.

Mas não encontrou.

— Não tenho mais nada. Essa cena que acabamos de gravar foi a última. Já filmaram a da minha imortalidade antes da Batalha pelos Vivos.

Aquela cena seria a última lembrança de Marcus das filmagens de *Deuses dos Portões*, mas, para os espectadores, a ascensão de Eneias à condição de deus pleno seria o último vislumbre do personagem. Ambrosia, néctar e um bom gole do rio Lete, em vez de sangue, sujeira e desespero.

Depois do referido gole, Eneias se esqueceria tanto de Dido quanto de Lavínia. E da pobre Anna também.

E assim que a temporada final fosse ao ar, os fãs começariam a massacrar R.J. e Ron — os principais roteiristas, produtores executivos e *showrunners* da série —, tanto on-line quanto nas convenções. E por inúmeros motivos, já que a reviravolta abrupta do arco de personagem de Eneias era apenas uma das várias falhas de roteiro dos últimos episódios. Marcus não conseguia nem imaginar a quantidade de fanfics ressentidas e incisivas que seriam publicadas depois do último episódio, tentando “consertar” a história.

Centenas, sem dúvida. Talvez milhares.

Ele mesmo escreveria pelo menos uma ou duas delas como *Em Livros Eneias Nunca Faria Isso*, com a ajuda da Tiete Da Lavínia.

Com os olhos irritados por conta da fumaça, Marcus deu uma examinada no seu entorno. Espadas no chão, pedaços de figurino rasgados, uma garrafa de água (que com sorte não teria aparecido

em câmara) atrás de um boneco com as roupas do esquadrão de Eneias.

Ele deveria levar alguma lembrança do set de filmagem? Será que queria fazer aquilo? E o que naquele campo sujo seria capaz de representar mais de sete anos de trabalho na série e, ao mesmo tempo, ter um cheiro aceitável para ser exposto em sua casa?

Nada. Nada.

Então, depois de um último abraço emocionado em Carah, Marcus seguiu de mãos abanando em direção ao próprio trailer. Antes que conseguisse dar dez passos, no entanto, alguém colocou a mão em seu ombro.

— Espera, Marcus — ordenou uma voz muito familiar.

Quando Marcus se virou, Ron fez sinal para que várias câmeras se aproximassem — de alguma forma, elas estavam novamente em ação — e chamou de volta Carah e todos os membros da equipe que estavam por ali.

Merda. Marcus estava tão exausto que tinha se esquecido daquela cerimôniazinha. Em teoria, tratava-se de uma homenagem a cada ator principal da série no fim do seu último dia no set de filmagem. Na prática, era uma cena extra de bastidores para instigar os fãs a comprarem os boxes da temporada, ou ao menos a pagarem mais para assistir ao conteúdo exclusivo on-line.

Ron ainda estava com a mão no ombro dele. Marcus não se desvencilhou, mas baixou o olhar para o chão por um momento. Em seguida, se recompôs e se preparou.

Antes de finalmente poder ir embora dali, ainda tinha um papel para representar. Um papel que aperfeiçoara por mais de uma década, e que desejava deixar para trás com um fervor cada vez maior a cada ano.

O papel de Marcus Caster-Rupp.

Simpático. Fútil. Bobo como aquele campo de batalha enfumaçado ao redor deles.

Ele era como um Golden Retriever Bem Treinado, orgulhoso dos poucos truques que milagrosamente conseguira aprender.

— Quando começamos a procurar nosso Eneias, sabíamos que precisávamos de um ator atlético. Alguém que pudesse encarnar um líder dos homens e um amante das mulheres. E, acima de tudo... — Ron apertou a bochecha de Marcus, e se demorou tanto no gesto que talvez tenha sentido o calor da raiva súbita que aqueceu o rosto dele. — Um rostinho bonito. Não dava pra ter achado um cara mais bonito que esse, nem se tivéssemos passado mais uma década procurando.

A equipe de filmagem riu.

Marcus sentiu o estômago embrulhar.

Depois de receber outro apertão na bochecha, ele se forçou a dar um sorriso presunçoso. Então, jogou o cabelo para o lado e se livrou do peitoral da armadura, para poder mostrar ao público invisível o movimento dos bíceps, ao mesmo tempo que se afastava de Ron. Na sequência, o *showrunner* da série e a equipe começaram a incentivar Marcus a dizer algo, a fazer um discurso em homenagem a todos os anos que havia passado representando Eneias.

Um discurso improvisado. Será que aquele maldito dia nunca chegaria ao maldito *fim*?

Mas o papel que encarnava o envolvia como um abraço. Familiar. Reconfortante, embora cada vez mais claustrofóbico. Imerso naquela atuação, Marcus sabia o que fazer. O que dizer. Quem deveria ser.

— Cinco anos atrás... — Ele se virou para Ron. — Espera. Há quantos anos estamos filmando mesmo?

O chefe soltou uma risadinha.

— Sete.

— Sete anos atrás, então. — Marcus deu de ombros, como se quisesse demonstrar que não estava envergonhado pelo equívoco, e abriu um sorriso para a câmera. — Sete anos atrás, quando começamos a filmar, eu não tinha ideia do que nos aguardava. Sou muito grato por esse papel e pelo público que nos assiste. Já que vocês precisavam de um rostinho bonito — ele se obrigou a dizer —,

fico feliz pelo meu rosto ter sido o mais bonito que encontraram. Não fico surpreso, mas feliz.

Ele arqueou uma sobrancelha e levou a mão à cintura em uma pose heroica, e aí esperou mais risadas. Daquela vez, dirigidas e deliberadamente estimuladas por ele.

Aquele mínimo de controle acalmou seu estômago, mesmo que só um pouco.

— Também fico feliz por vocês terem encontrado tantos outros rostinhos bonitos para atuarem comigo. — Marcus piscou para Carah. — Não tão bonitos quanto o meu, lógico, mas bem bonitinhos.

Mais sorrisos da equipe e uma revirada de olhos de Carah.

Ele finalmente podia ir embora. Sabia disso. Aquela interação era tudo que qualquer pessoa além de seus colegas e membros da equipe mais próximos esperava dele.

Ainda assim, Marcus precisava dizer uma última coisa, porque, afinal, aquele era mesmo o seu dia derradeiro ali. Era o fim dos últimos sete anos de sua vida, anos de trabalho árduo e incessante, de desafios, conquistas e alegrias por fazer aquele papel, por ultrapassar os obstáculos e por finalmente, *finalmente*, se permitir considerar aquelas conquistas como *suas* e dar a elas o devido valor.

Ele aprendera a montar a cavalo como se tivesse feito isso a vida toda.

A instrutora de esgrima disse que Marcus era o melhor do elenco com uma espada na mão, e que ele tinha os pés mais rápidos do que qualquer ator que ela já conheceria.

Finalmente, ele havia aprendido a falar latim com uma facilidade que impressionara seus pais e provocara uma série de comentários irônicos dos dois.

Ao longo do tempo que interpretara Eneias em *Deuses dos Portões*, Marcus fora indicado a cinco prêmios importantes. Não havia chegado a ganhar nenhum, lógico, mas precisava acreditar — *realmente* acreditava — que as indicações não tinham sido apenas uma recompensa pelo seu “rostinho bonito”, mas também

um reconhecimento de talento. De profundidade emocional. O público talvez o visse como um gênio da atuação, capaz de fingir inteligência apesar de não ter nenhuma, mas Marcus tinha plena consciência de quanto investira em seu ofício, em sua carreira.

Nada daquilo teria sido possível sem a equipe.

Ele se afastou das câmeras para olhar para algumas daquelas pessoas e para ocultar a mudança em sua expressão.

— Pra terminar, quero agradecer a todos que trabalharam nos bastidores deste projeto. São quase mil de vocês, e eu... eu não consigo... — A sinceridade fez as palavras se atropelarem em sua língua, e ele parou por um instante. — Não consigo imaginar que possa ter existido um grupo mais dedicado e capaz em qualquer outra produção. Portanto, a todos os produtores, dublês, gerentes de locação, professores de dialetos, cinegrafistas, a todos os responsáveis por figurino, maquiagem e cabelo, ao pessoal de efeitos visuais e sonoros e tantos outros: muito obrigado. Eu, hum... devo mais a cada um de vocês do que seria capaz de expressar.

Pronto. Estava feito. Ele tinha conseguido falar o que queria sem gaguejar demais.

Mais tarde, viveria seu luto e pensaria nos próximos passos. Naquele momento, só precisava tomar um banho e descansar.

Depois de uma última rodada de aplausos constrangedores e de uns poucos tapinhas nas costas, abraços e apertos de mão, Marcus finalmente escapou. Foi até o seu trailer, lavou-se um pouco na pia e se dirigiu para o quarto no hotel espanhol genérico, onde um banho muito, muito longo e merecido o esperava.

Ao menos ele pensou que havia conseguido escapar, até Vika Andrich o alcançar na entrada do hotel.

— Marcus! Você tem um minuto? — A voz dela permanecia firme, embora tivesse corrido pelo estacionamento usando saltos consideráveis. — Tenho algumas perguntas sobre a sequência longa que você acabou de gravar.

Marcus não ficou totalmente surpreso ao vê-la. Uma ou duas vezes ao ano, Vika aparecia onde quer que eles estivessem gra-

vando e tentava conseguir entrevistas e informações sobre o set de filmagem. Essas matérias sempre bombavam em seu blog. Era óbvio que ela iria cobrir pessoalmente o término das filmagens da série.

Ao contrário de alguns outros jornalistas, Vika respeitaria a privacidade de Marcus se ele pedisse um pouco de espaço. Ele até gostava dela. Aquele não era o problema.

Eram as outras qualidades de Vika que a tornavam sua paparazzo/blogueira favorita e, ao mesmo tempo, a mais incômoda: Vika era simpática. Divertida. Era fácil relaxar ao lado dela. Fácil demais.

Ela também era esperta. O bastante para ter percebido alguma coisa... estranha nele.

Marcus abriu um sorriso largo para ela e se deteve a centímetros da liberdade pela qual tanto ansiava.

— Vika, você sabe que não posso contar nada do que vai acontecer nesta temporada. Mas se acha que os seus leitores querem me ver coberto de lama... — ele piscou —, e ambos sabemos que eles querem, então fique à vontade.

Ele fez uma pose, virando-se para o lado que diziam ser o seu melhor, e Vika tirou algumas fotos.

— Sei que não pode me dar nenhuma informação — disse ela, enquanto checava as imagens —, mas pensei que talvez você pudesse descrever a sexta temporada em três palavras.

Marcus tamborilou com os dedos no queixo e franziu a testa, fingindo pensar profundamente por um longo momento.

— Já sei! — Ele se virou com um sorriso animado para ela. — Última. Temporada. Mesmo. Espero que ajude.

Vika semicerrou os olhos e examinou-o por uma fração de segundo a mais do que seria normal.

Então, confrontado com o brilho ofuscante do sorriso inocente daquela mulher, Marcus se viu obrigado a piscar.

— Acho... — começou ela, ainda sorrindo. — Acho que então vou ter que perguntar para algum dos outros atores sobre as

diferenças entre o fim da série, os livros de E. Wade e, claro, a *Eneida* de Homero. Eneias acaba se casando com Dido nas duas histórias, mas talvez a série tenha optado por uma abordagem diferente.

Homero? De que diabo ela estava falando?

E Dido já estava morta havia muito, muuuuuito tempo no fim de *Eneida*. Na última página do terceiro livro de *Deuses dos portões*, ela estava viva, mas definitivamente não estava mais interessada em Eneias, embora Marcus suspeitasse que isso pudesse mudar, caso Wade em algum momento resolvesse publicar os últimos dois livros da série.

Em algum lugar, Virgílio provavelmente estava soltando palavrões em latim enquanto se revirava no túmulo, e era possível que E. Wade estivesse olhando incrédulo para Vika de sua casa luxuosa no Havaí.

Marcus segurou a testa com o polegar e o indicador, reparando, distraído, na sujeira entre as unhas. Inferno, *alguém* precisava corrigir aquelas informações equivocadas.

— A *Eneida* não foi... — Vika ergueu as sobrancelhas ao ouvir as primeiras palavras, o celular já gravando, e ele percebeu na hora que era uma armadilha. Uma armadilha e tanto. — Bom, na verdade, infelizmente não li a *Eneida*. Tenho certeza de que Homero é um sujeito muito talentoso, mas preciso admitir que não sou um grande leitor.

Ao menos aquela última frase já tinha sido verdade. Antes de descobrir as fanfics e os audiolivros, Marcus não costumava ler muito, a não ser pelos roteiros — e ele os lia apenas o suficiente para decorá-los, gravá-los em áudio e ficar ouvindo a gravação várias vezes, repetindo as palavras para si mesmo até cansar.

Vika tocou a tela do celular, interrompendo a gravação.

— Obrigada, Marcus. Foi gentil da sua parte conversar comigo.

— O prazer foi meu, Vika. Boa sorte com as próximas entrevistas.

Depois de um último sorriso insosso, ele finalmente conseguiu entrar no hotel e caminhar rumo ao elevador.

Marcus apertou o botão do andar do seu quarto, apoiou-se pesadamente em uma das paredes do elevador e fechou os olhos.

Em breve, teria que enfrentar a sua própria persona. Entender que aspecto de si mesmo o irritava, o que havia funcionado no passado, e se ainda funcionaria. Marcus teria que avaliar se valia a pena libertar sua verdadeira personalidade e lidar com as consequências na sua carreira e na sua vida pessoal.

Mas não naquele dia. Cacete, ele estava exausto.

Já no quarto do hotel, tomou um banho tão bom quanto aquele que havia imaginado. Na verdade, ainda melhor.

Depois, ligou o notebook e ignorou os roteiros que sua agente havia mandado. A escolha de um próximo projeto — um trabalho que com sorte levaria sua carreira em uma nova direção — poderia esperar, assim como a espiada em suas contas do Twitter e do Instagram.

Só havia uma coisa que ele definitivamente precisava fazer antes de dormir por um milhão de anos: mandar uma mensagem para a Tiete Da Lavínia. Ou Tila, como Marcus havia começado a chamá-la, o que a deixava indignada. *Tila é um ótimo nome para uma vaca, e só para uma vaca*, tinha escrito ela. Mas como não havia pedido que ele parasse, Marcus continuou. O apelido, que só ele usava, o agradava mais do que deveria.

Marcus fez o login no servidor Lavineias, que ele próprio tinha ajudado a criar anos antes para a comunidade de fanfics de Eneias e Lavínia — uma rede animada, talentosa e de muito apoio. De vez em quando ele também acessava a comunidade dedicada às fanfics de Eneias e Dido no AO3, o site que hospedava as histórias, mas isso vinha acontecendo cada vez menos. Principalmente depois que Tila havia se tornado a principal leitora beta e revisora de todas as histórias de EmLivrosEneiasNuncaFariaIsso.

Ela morava na Califórnia, portanto ainda estaria em horário de trabalho e não responderia imediatamente às mensagens dele.

Mas se Marcus não mandasse uma DM para Tila naquela noite, não teria uma resposta dela aguardando assim que acordasse de manhã, e ele precisava daquilo. Mais e mais a cada semana.

Em breve, muito em breve, os dois estariam de novo no mesmo fuso horário. No mesmo estado.

Não que a proximidade geográfica importasse, já que eles nunca se encontravam pessoalmente.

Mas a verdade era que importava. Por algum motivo, importava.

Deuses dos portões (Livro 1)

E. Wade

O fenômeno literário que inspirou a famosa série de TV

E-book: \$ 8,99
Brochura: \$ 10,99
Capa dura: \$ 19,99
Audiolivro: \$ 25,99

Quando os deuses brincam de guerra, a humanidade perde.

Juno viu Júpiter flertar com mulheres mortais diversas vezes ao longo dos séculos. Quando resolve deixá-lo, porém, em um acesso de fúria justificada, o péssimo temperamento de Júpiter se manifesta. Sem se preocupar com as consequências, o deus lança relâmpagos tão poderosos a ponto de alcançarem o submundo, abrindo rachaduras que chegam ao próprio Tártaro, lar dos mais perversos dos mortos. Livres do castigo eterno, esses mortos ameaçam voltar à Terra, desafiando o poder de Júpiter — e condenando a humanidade.

Para preservar seu reinado cruel e salvar os mortais com quem vai para a cama, mas que não respeita, Júpiter dá aos seus colegas deuses a missão de guardar os novos portões do submundo que ele acabou criando em seu ataque imprudente de raiva. Mas os imortais, como sempre, preocupam-se mais com suas próprias rixas eternas do que com o dever. Se a humanidade quiser se salvar, semideuses e mortais também terão que guardar os portões.

É uma pena, contudo, que Juno tenha as próprias razões para querer que o Tártaro permaneça desprotegido. A humanidade está condenada.

2

Terra. Mais terra.

Mas aquela terra em particular contaria uma história, se April ouvisse com bastante atenção.

Usando seus óculos de proteção com grau, ela semicerrou os olhos para examinar o núcleo final do solo da área, comparando os diferentes tons de marrom com seu mapa de cores, então anotou no formulário de campo a quantidade de água na amostra, a plasticidade e a consistência do solo, o tamanho e a forma dos grãos, e todos os outros dados relevantes.

Não havia descoloração. Também não havia qualquer odor em particular, o que não a surpreendeu. Solventes soltariam um aroma doce, e combustível cheiraria a... bom, a combustível. Hidrocarbonetos. Mas chumbo cheiraria simplesmente a terra. O mesmo aconteceria com arsênico.

Depois de limpar a mão enluvada no jeans, April anotou o que descobrira.

Normalmente, ela estaria conversando com seu auxiliar de amostragem, Bashir, sobre seus colegas de trabalho mais ilustres, ou talvez sobre as maratonas mais recentes que cada um tinha feito de algum reality show. Mas àquela altura da tarde, tanto April quanto Bashir estavam cansados demais para ficar de conversa fiada, por isso ela terminou de registrar a amostra em silêncio, enquanto ele preparava a etiqueta para o frasco de vidro onde a guardariam e preenchia o formulário da cadeia de custódia.

Após colocar a amostra de solo no frasco e limpar novamente as mãos na calça, April etiquetou o recipiente, enfiou-o em um saco hermético e o guardou em um cooler cheio de gelo. Então, assinou uma última vez para confirmar que estava entregando a

amostra para o mensageiro do laboratório que já a aguardava, e o trabalho do dia estava terminado. Graças a Deus.

— É isso? — perguntou Bashir.

— É isso. — Enquanto os dois olhavam o mensageiro se afastar com o cooler, April suspirou com força. — Posso cuidar da limpeza, se você quiser descansar por alguns minutos.

Ele balançou a cabeça.

— Eu ajudo você.

Exceto pela meia hora de almoço que tinham tirado, os dois estavam concentrados no trabalho desde as sete da manhã. Já fazia quase nove horas, e os pés de April doíam nas botas protetoras empoeiradas, sua pele ardia graças à exposição excessiva ao sol e sua cabeça latejava sob o capacete, por conta da falta de hidratação. Ela estava pronta para um banho longo e delicioso no quarto do hotel.

Seu rosto também coçava, provavelmente pelo contato com a terra. O que não era bom, porque o contato solo-pele era, na terminologia técnica, uma forma de exposição. Ou, como April colocaria, uma péssima ideia.

Ela tirou a tampa da garrafa de água, umedeceu uma toalha de papel e passou no rosto até sentir a pele limpa de novo.

— Ainda tem um pouco... — O dedo de Bashir esfregou um ponto perto da própria têmpora para indicar. — Aqui.

— Obrigada. — Apesar da dor de cabeça, o sorriso que April lhe deu foi verdadeiro. Ela podia contar nos dedos de uma das mãos os amigos de verdade que tinha naquela empresa, e Bashir sem dúvida era um deles. — Bom trabalho hoje.

Depois de passar a toalha de papel umedecida novamente no rosto e de receber a confirmação de Bashir de que ela aparentemente havia conseguido se livrar de toda a lama, jogou a toalha de papel no mesmo saco de lixo que usou para as luvas, e pronto. Problema resolvido.

O solo estava contaminado com mais de uma substância. Até meados do século XX, uma fábrica de pesticidas funcionava na-

quele terreno, poluindo os arredores com chumbo e arsênico. Por causa disso, April passara várias das semanas anteriores reunindo amostras de solo para analisá-las, em busca dos dois produtos químicos. E não queria nenhum dos dois em sua pele. Ou no jeans que usava, por sinal, mas no fim das contas as toalhas de papel eram uma perturbação e ela acabava limpando a mão na calça.

— Eu te contei? — Bashir se voltou para ela com um sorriso travesso, enquanto guardava a papelada deles. — Na semana passada, o Chuck disse à menina nova para nunca beber água quando estiver em uma zona de exclusão. Porque é um mau hábito e vai contra as normas de saúde e segurança.

Os dois se viraram ao mesmo tempo para o cooler vermelho deles, cheio de garrafas de água, que April colocara naquela manhã na caçamba da caminhonete que usavam para trabalhos de campo.

— O Chuck é um idiota arrogante de vinte e dois anos que quase não faz nenhum trabalho de campo de verdade. — Bashir arregalou os olhos diante daquela declaração tão certa de April. — Ele não sabe de que merda está falando, mas mesmo assim adora dizer aos outros como trabalhar.

Ao ouvir a última frase, Bashir deixou escapar uma risadinha debochada.

— Não só como trabalhar.

— Ai, Jesus. — April revirou os olhos. — Ele deu uma palestra sobre homus pra você *de novo*?

— Sim. Embora eu não coma tanto homus e não seja um grande fã de grão-de-bico. Acho que ele só acha que eu gosto, por causa... — Bashir apontou para si mesmo. — Você sabe.

Os dois começaram a levar a papelada para a caminhonete da empresa.

— Eu sei. — April suspirou. — Por favor, me diz que ele não falou pra você tentar...

— O homus de chocolate — confirmou Bashir. — Mais uma vez. Se você quiser ouvir sobre quantidade de fibras e proteína,

ou talvez sobre como ele é bem melhor que as versões mais tradicionais de *homo*... *o homo do meu povo*, como Chuck diz... estou muito bem informado e seria um prazer compartilhar esse conhecimento recém-adquirido com você.

Bashir abriu a porta do passageiro para April, que prendeu a papelada na prancheta.

— Eca. Sinto muito. — Ela fez uma careta. — Se serve de consolo, ele também tem opiniões muito fortes sobre como suas colegas mulheres deveriam se vestir para conseguirem mais trabalhos.

Em uma empresa privada pequena, os consultores precisavam se acotovelar para conseguir clientes, cortejá-los durante almoços e reuniões de trabalho, abordá-los em convenções e conferências sobre tecnologias de recuperação. April precisava convencer aqueles futuros clientes de que deveria ser levada a sério e de que eles queriam pagar à empresa para a qual ela trabalhava para que pudessem contar com seu conhecimento em geologia.

Para ser uma funcionária rentável, April precisava ter uma determinada aparência. Falar de uma determinada maneira. Apresentar-se da forma mais profissional possível em todos os momentos.

Rentável se tornara um epíteto para ela nos últimos anos.

Em seu ramo de trabalho, reputações podiam ser bem frágeis. Facilmente arruinadas. Por exemplo, caso fosse revelado que uma profissional aparentemente séria e prática gostava de se vestir como a sua personagem favorita em uma série de TV e passava a maior parte do tempo livre conversando sobre semideuses da ficção.

Foi a vez de Bashir revirar os olhos.

— Lógico que ele tem uma opinião sobre como as mulheres se vestem. Você comunicou à gerência, né?

— Literalmente cinco minutos depois.

— Ótimo. — Bashir a acompanhou de volta à mesa de amostras. — Com sorte, daqui a pouco esse imbecil é demitido.

— Ele não sabe nada. Menos do que nada, se isso for possível. — April segurou a camiseta entre os dedos para demonstrar como o tecido estava colado ao seu corpo. — Olha só como a gente suou hoje, sabe?!

— Copiosamente. — Ele abaixou o olhar para a própria blusa laranja ensopada. — Repulsivamente.

April parou diante da mesa e balançou a cabeça.

— Exato. Alguém precisa dar um toque nessa garota nova. A menos que ela queira terminar em um hospital por desidratação, precisa andar sempre com uma garrafinha de água.

Bashir inclinou a cabeça.

— Você sabe muito bem disso.

— Pois é.

E era verdade. Até aquele momento, April tinha passado quase um terço das suas horas de trabalho como geóloga ao lado de equipamentos de perfuração como o que havia ali, debruçada sobre amostras de solo que seriam registradas, guardadas em frascos e enviadas para testes no laboratório. Por muito tempo, ela tinha amado todos aqueles processos, os desafios e o esforço físico do trabalho de campo. Uma parte dela ainda amava aquilo.

Mas apenas uma parte. Não era mais o suficiente.

Enquanto eles dobravam a mesa, Bashir fez uma pausa.

— Você vai mesmo embora, né?

— Aham. — Aquele era o último dia de April visitando um campo contaminado na atual função que ocupava, sua última semana como consultora em uma empresa privada, a última vez que colocaria para lavar um jeans sujo de terra. — Vou sentir saudade de você, mas está na hora. Já passou da hora, na verdade.

Em menos de uma semana, April se mudaria de Sacramento para Berkeley. E em menos de duas semanas, a April do Futuro começaria em seu novo emprego em uma agência pública reguladora em Oakland, supervisionando o trabalho de consultores como a April do Presente, o que significaria mais reuniões e análises de documentos e menos tempo fazendo trabalho de campo.

E ela estava pronta para essa mudança. Por várias razões, tanto pessoais quanto profissionais.

Depois de terem guardado todo o material na caminhonete, April colocou de volta seus óculos de grau normais e retirou os outros equipamentos de proteção. Com um suspiro de alívio, desamarrou as botas empoeiradas, guardou-as em uma sacola plástica e calçou seu tênis velho limpo. Ao seu lado, Bashir fazia o mesmo.

E fim. Graças aos céus. April estava desesperada por um banho, um cheeseburger e alguns litros de água gelada. Sem falar em mais um pouco de fanfic Lavineias, bater um papo na comunidade e trocar mensagens com o EmLivrosEneiasNuncaFariaIsso — ou ELENFI, acrônimo que ela preferia usar. Com sorte, ELENFI teria mandado alguma mensagem enquanto ela estava trabalhando.

Mas, antes disso, April tinha que se despedir de Bashir.

— Não sei se já tem planos para o fim de semana, mas a Mimi e eu adorariamos se você aparecesse para o jantar. Pra gente comemorar o seu novo emprego e se despedir. — Bashir estava agitando as mãos, inquieto. Mesmo depois de tantos anos trabalhando juntos, ele ainda ficava tímido ao fazer um convite para ela. — Mimi sabe que você é a minha colega de trabalho favorita.

Ele também era o dela, e April também considerava a esposa de Bashir uma amiga.

Mas nem mesmo Mimi e Bashir sabiam tudo sobre April. Mais especificamente, o casal não fazia ideia de que ela passava a maior parte das noites e dos fins de semana imersa no fandom de *Deuses dos Portões* — tuitando sobre seu OTP (seu casal perfeito e favorito), escrevendo fanfics, fazendo leituras beta e lendo fanfics já publicadas, conversando com outros fãs no chat do servidor Lavineias e concentrando todo o seu enorme entusiasmo, talento e detalhismo para criar seu cosplay de Lavínia.

Bastaria uma foto aleatória em uma convenção, um comentário que deixasse escapar, e sua reputação poderia sofrer as con-

sequências. Ela deixaria de ser respeitada como uma profissional experiente e seria vista apenas como uma fangirl boba, tudo isso em menos tempo do que levaria para registrar uma amostra de solo.

Por isso, April não frequentava os encontros de *Deuses dos Portões*. E não tinha contado aos amigos do trabalho sobre o fandom. Nem mesmo a amigos de quem gostava muito, como Bashir.

Já no seu trabalho novo...

Nossa, a diferença na cultura não poderia ter sido mais gritante. A vida pessoal e profissional dos funcionários eram inextricáveis ali. Entrelaçadas das melhores formas possíveis, e das mais divertidas também.

Em menos de duas semanas, assim que começasse a trabalhar na agência, April se tornaria a quinta integrante da equipe de geólogos de lá. Seria a terceira mulher. Quando fora até lá para preencher os formulários necessários para a admissão na semana anterior, as outras mulheres, Heidi e Mel, haviam oferecido a April uma fatia do bolo que a equipe tinha levado para o trabalho para comemorar o décimo aniversário das duas como casal.

Mel e os dois caras da equipe — Pablo e Kei — faziam parte de uma banda. *Uma banda!* Que evidentemente se apresentava em festas de aposentadoria e outras reuniões em que seus talentos musicais únicos para a música folk não conseguiam ser totalmente evitados.

Eles são péssimos, sussurrara Heidi para April, a boca semiescondida atrás da garrafa de água, *mas se divertem tanto que não conseguimos dizer nada*.

Naquele momento, bem ali, no escritório sem graça de uma agência burocrática do governo, algo dentro de April que vivia tenso a ponto de quase se romper havia relaxado. E qualquer dúvida que ainda pudesse ter em relação a aceitar o cargo desaparecera.

Ela tomara a decisão certa ao mudar de emprego, mesmo com o salário menor. Mesmo com o preço alto dos aluguéis na Bay Area. Mesmo com todo o incômodo de uma mudança.

Em seu novo emprego, April não precisaria mais esconder aspectos de si mesma por medo da desaprovação dos outros. A partir da semana seguinte, não se preocuparia mais em ser rentável.

Na verdade...

Aquilo também não a preocupava no momento. Não mais.

— Muito obrigada pelo convite, Bashir. — Ela o abraçou e ele deu um tapinha hesitante em suas costas. — Mas infelizmente estou ocupada no fim de semana. Tenho que ir até o apartamento novo e deixar tudo pronto para a mudança. Estou aqui na cidade de novo no fim da semana que vem. Vamos deixar o jantar para a volta?

Quando April se afastou, Bashir sorriu para ela, parecendo satisfeito.

— Claro. Vou checar a agenda da Mimi e mando uma mensagem para você mais tarde, hoje ainda, depois que voltarmos do jantar na casa da família dela. Eles moram aqui perto, e estou indo pra lá agora.

Que se danem as horas rentáveis, pensou April.

— Estou planejando pedir um hambúrguer no serviço de quarto e passar a noite escrevendo fanfic de *Deuses dos Portões* — resolveu revelar ao amigo. — A sua noite parece muito mais animada.

Bashir encarou-a espantado por alguns segundos antes de abrir um sorriso travesso.

— Você só diz isso porque não conhece os meus sogros.

April riu.

— Justo.

— Quando jantarmos juntos, vou querer saber mais sobre o que você escreve. — Ele inclinou a cabeça e observou-a com curiosidade. — A Mimi adora essa série. Especialmente o cara bonito.

— Marcus Caster-Rupp?

A verdade era que podia ser qualquer um do elenco, mas Caster-Rupp sem dúvida era o ator mais bonito de todos. E também

o mais sem graça. Tão sem graça que às vezes April se perguntava como um homem podia ser tão cintilante e ao mesmo tempo tão *apagado*.

— Esse mesmo. — Bashir deu um sorriso sofrido para os céus.

— Ele está na lista de “escapadas permitidas” dela. Toda vez que assistimos a um episódio, a Mimi faz questão de lembrar disso.

April deu um tapinha reconfortante no braço do amigo.

— Veja pelo lado bom: a Mimi nunca vai se encontrar pessoalmente com Marcus Caster-Rupp. Nenhum de nós vai fazer isso, a menos que a gente se mude para Los Angeles e comece a vender órgãos vitais para pagar o nosso corte de cabelo.

— Hum... — A expressão dele se iluminou. — Você tem razão.

Antes de deixarem o local da escavação, os dois agradeceram à equipe, então, depois de se despedirem novamente, Bashir entrou no carro dele e April se acomodou no assento do motorista da caminhonete. Após uma buzinação de despedida, ela seguiu na direção do hotel, enquanto Bashir foi para a casa dos sogros.

A cada quilômetro que percorria, April sentia as correntes invisíveis que a prendiam se romperem, e isso a deixava estranhamente animada. Sim, ainda parecia haver uma escavação acontecendo em seu cérebro, mas alguns copos de água resolveriam a dor de cabeça, sem problema. E daí que ela estava com o jeans todo sujo de terra? Nem mesmo solo contaminado seria capaz de arruinar a verdade essencial que a enchia de satisfação naquele momento.

April viu um relance do próprio reflexo no espelho retrovisor. Estava com um sorriso tão grande que poderia estrelar um comercial de pasta de dente.

E não era de se espantar. Não mesmo.

Aquele era o último dia dela no meio da poeira, da terra.

E era só o começo.

Assim que entrou em seu quarto de hotel, April despiu o jeans, enfiou em uma sacola plástica já preparada para receber as roupas

sujas e ficou nua. No chuveiro, esfregou o corpo todo até deixar a pele rosada sob a água quente.

O pijama de flanela limpo parecia uma nuvem em contato com seu corpo enquanto ela bebia um copo de água e lia as últimas menagens de ELENFI. Ele finalmente havia decidido o que iria escrever em sua próxima fanfic. A Semana Eneias e Lavínia se aproximava, e a proposta de segunda-feira para o que deveria ser incluído na história era *um confronto entre as duas mulheres que disputam o amor de Eneias*. ELENFI vinha pensando havia dias na melhor forma de fazer aquilo.

Como as duas nunca se encontraram nos livros, nem na série, você poderia muito bem criar uma história bem fofinha em um universo alternativo, que é o que eu estou fazendo, April tinha escrito para ele de manhã, antes de ir para o trabalho, já sabendo como ELENFI reagiria àquela sugestão. Ou — e acho sinceramente que essa ideia talvez funcione pra você — Eneias pode sonhar com o confronto, assim você consegue manter as coisas dentro do canon e a partir do ponto de vista dele. O que acha?

A última opção tinha muito potencial para gerar uma história dramática, então lógico que foi justamente essa que ele escolheu. ELENFI era um escritor perspicaz, mas April tinha que admitir: algumas das fanfics dele eram depressivas pra cacete.

No entanto, ele havia melhorado muito nesse aspecto. Quando ELENFI começou, mesmo nas histórias que ele escrevia sobre Eneias e Lavínia, o herói transbordava de culpa e vergonha no que dizia respeito a Dido, e as narrativas eram cheias de cânticos e piras fúnebres e chororô. Na verdade, a primeira conversa de verdade de April com ELENFI no servidor Lavíneas envolveu sugestões bem-humoradas dela para que ele usasse a tag *alerta desgraça!* em algumas de suas fanfics.

Para o bem da saúde mental dele, era melhor que se concentrasse no OTP Lavínia-Eneias. Sem dúvida. E escrever algumas fanfics, com um enredo mais fofinho, açucarado, também não lhe faria mal.

Naquela noite, porém, April não tinha tempo para espalhar a palavra das histórias leves. Quando terminou de descrever sua própria ideia de fanfic — um universo alternativo em que Lavínia e Dido se conheceriam em um jogo de perguntas na adolescência, já como guerreiras, e os sentimentos delas por Eneias tornariam cada rodada mais e mais tensa e engraçada —, April estava a ponto de perder a coragem. De novo.

Meses antes, quando tinha se candidatado ao novo emprego, havia decidido que estava cansada de esconder algumas partes de si por medo da desaprovação dos outros. E isso também se aplicava ao fandom.

Para escapar de qualquer possível desastre profissional, April sempre cortava o próprio rosto das fotos de cosplay que publicava no Twitter. Mas o motivo para ela não ter compartilhado o seu perfil na rede social com os colegas do Lavineias era completamente diferente.

Seu corpo.

April não queria que seus amigos do servidor vissem seu corpo nos figurinos de Lavínia. Principalmente um desses amigos, cuja opinião importava mais do que deveria para ela.

Embora a força propulsora essencial do casal shippado fosse toda baseada em integridade, caráter e inteligência acima da aparência, as fanfics de Lavineias às vezes eram surpreendentemente gordofóbicas, o que acabava sendo bem decepcionante. Não as de ELENFI, pelo menos. Mas algumas das fanfics preferidas dele — que ele marcava como favoritas e recomendava que ela lesse —, sim.

Depois de uma vida inteira lutando contra si mesma, April havia aprendido a amar o próprio corpo. Por inteiro. Do cabelo ruivo aos dedos dos pés gorduchos e sardentos.

Mas não esperava o mesmo dos outros. Ainda não. Ao mesmo tempo, estava cansada de se esconder, cansada de não ser tão próxima dos colegas e de ficar com os jeans sujos de lama contaminada.

Naquele ano, ela iria à maior convenção do fandom, a Con dos Portões, que sempre acontecia em um dia ensolarado com vista para a Ponte Golden Gate. Vários influenciadores e jornalistas compareciam à convenção, e todos tiravam fotos. E algumas dessas imagens acabavam viralizando, ou eram publicadas junto com matérias nos jornais, ou apareciam no noticiário.

Mas April não se importava. Não mais. Se seus novos colegas podiam comentar abertamente sobre a banda de folk horrível deles, ela com certeza poderia falar sobre seu amor pela série de TV mais popular do momento.

E quando fosse à convenção, por fim conheceria pessoalmente seus amigos do fandom. Talvez até encontrasse ELENFI, apesar da timidez dele. April daria a todos a oportunidade de provar que entendiam de verdade a mensagem do OTP deles.

No entanto, se isso não acontecesse, ela sairia magoada, lógico. Não tinha por que mentir para si sobre isso.

Principalmente se ELENFI desse uma olhada nela e...

Bom, não adiantava nada ficar imaginando uma rejeição que ainda nem existia.

Mas se acontecesse o pior cenário, ela encontraria outros amigos. Outros fandoms que a acolhessem de verdade. Outro leitor beta para as fanfics que escrevia, cujas DMs eram como raios de sol no começo das manhãs de April e que a aqueciam como um edredom macio à noite.

Outro homem que iria querer na sua vida real e talvez até na sua cama.

Portanto, precisava fazer aquilo naquela noite, antes que perdesse a coragem. Não era o passo final, nem mesmo o mais difícil. Mas era o primeiro.

Sem se permitir pensar muito mais a respeito, April checou um tuíte daquela manhã que vinha atraindo bastante atenção. A conta oficial de *Deuses dos Portões* havia pedido aos fãs para postarem suas melhores fotos de cosplay e já tinha recebido centenas de respostas. Algumas poucas dezenas mostravam pessoas com o

corpo parecido com o dela, e April teve o cuidado de não ler os comentários daqueles tuítes.

Ela abriu sua galeria de fotos no celular e escolheu uma selfie em que estava usando seu mais recente figurino de Lavínia. A imagem não estava cortada, e dava para ver muito bem tanto seu corpo quanto seu rosto. Os colegas dela, do presente e do futuro, a reconheceriam. Seus amigos e sua família também. E o mais desesperador de tudo: se ela dissesse ao EmLivrosEneiasNuncaFariaIsso qual era seu @ no Twitter, ele finalmente a veria pela primeira vez.

April respirou fundo.

Ela publicou a foto. E então desligou o celular, fechou o notebook e pediu o maldito serviço de quarto, porque merecia. Depois de jantar, April começou a escrever sua fanfic, para que ELENFI pudesse lhe dar um feedback no fim de semana.

Porém, pouco antes de se deitar para dormir, não conseguiu mais se conter.

Com o dedo pronto para bloquear um monte de gente, April checkou as notificações do Twitter.

Cacete. Cacete.

Tinha viralizado. Ao menos para seus padrões modestos. Centenas de pessoas haviam respondido à foto, e mais comentários chegavam a cada segundo. April não conseguia ler as notificações rápido o bastante... e algumas delas ela realmente não queria ler.

April sabia como certos núcleos do fandom de *Deuses dos Portões* agiam. E não ficou surpresa ao encontrar, em meio aos vários comentários de elogios e apoio, algumas mensagens bem feias.

Parece que ela comeu a Lavínia era o mais popular entre os tuítes maldosos.

Aquilo a incomodava, obviamente. Mas nenhum estranho na internet tinha o poder de magoá-la de verdade. Não tanto quanto sua família, seus amigos e seus colegas de trabalho.

Ainda assim, April não pretendia infligir aquele tipo de mal-estar a si mesma por mais tempo do que o necessário. Talvez

demorasse um pouco, mas precisava domar todas as menções ao perfil dela.

Mas... Jesus. De que buraco tinha saído aquele tanto de gente?

April levou algum tempo para bloquear todos os haters em um fio em particular, assim como para silenciar — ao menos por ora — certos termos, como “vaca” e outras palavras associadas a animais.

Quando terminou, já havia mais algumas dezenas de notificações. No geral, pareciam mais simpáticas, mas April não planejava lidar com elas até a manhã seguinte. Só que aí ela viu uma notificação em destaque, recebida segundos antes.

O @ tinha o símbolo de “verificado” ao lado.

E era a conta de Marcus Caster-Rupp.

O cara que fazia o papel de Eneias — de *Eneias*, cacete — havia tuitado para April. E estava seguindo o perfil dela.

E... ele parecia estar...

Não. Aquilo não podia ser verdade. Ela estava delirando.

April semicerrou os olhos. Piscou. Leu de novo. Então uma terceira vez.

Por razões ainda desconhecidas, ele parecia estar...

Caramba, ele parecia estar a convidando para sair. Para um encontro.

— Uma vez li uma fanfic em que isso acontecia — sussurrou April para si mesma.

Então, ela clicou no fio para descobrir que diabo tinha acabado de acontecer.

DMs no servidor Lavínia, dois anos antes

Tiete Da Lavínia: Vi que você queria um leitor beta para as suas fanfics, né? Sei que não escrevemos o mesmo tipo de história, mas se estiver disposto a ser o meu leitor beta também, eu tenho interesse.

EmLivrosEneiasNuncaFariaIsso: Oi, TDL. Obrigado por escrever.

EmLivrosEneiasNuncaFariaIsso: Acho que talvez seja bom ter uma perspectiva diferente do meu trabalho, então — ao menos para mim — nossos estilos diferentes são uma vantagem, não um problema. Adoraria que você me ajudasse com as minhas fanfics, e estou mais do que disposto a ser leitor beta das suas histórias também.

Tiete Da Lavínia: Oba! Que bom!

Tiete Da Lavínia: Minha primeira sugestão é: use a tag “alerta desgraça!” para que seus pobres leitores não sejam pegos de surpresa ao acabar com todo o estoque de lenços de papel para um ano em uma única história. *pigarreia* *assoa o nariz* *olha intensamente para você*

EmLivrosEneiasNuncaFariaIsso: É pra eu pedir desculpa por isso?

Tiete Da Lavínia: A boa notícia é que a indústria de lenços de papel está salva.

Tiete Da Lavínia: A outra boa notícia: você escreve com uma força emocional tão grande que eu consegui encher vários reservatórios de água salgada que estavam quase vazios.

EmLivrosEneiasNuncaFariaIsso: Isso é bom?

Tiete Da Lavínia: Isso é bom.

3

Lógico que você ia escolher a opção que seguia o canon e que tinha bastante espaço pra explorar cenários de homem sofrido. Lógico.

Marcus deu uma risadinha e se sentou na cama.

Assim que acordou, bem cedo no quarto de hotel escuro, ainda com as cortinas fechadas, ele estendeu a mão para pegar o celular. Antes que seus olhos conseguissem focar totalmente, já estava checando as mensagens de Tila no servidor Lavineias.

Se bem que, para ser sincero, a visão embaçada talvez fosse um sinal da idade. Marcus completaria quarenta anos em poucos meses, e talvez estivesse precisando de óculos com lentes bifocais. Mesmo a fonte especial e o espaçamento extra nem sempre o ajudavam a ler a tela de forma confortável nos últimos tempos.

No fim do ano anterior, ele finalmente havia perguntado a Tila a idade dela.

Trinta e seis, respondeu ela prontamente.

Diante daquela migalha de informação, Marcus deixara escapar um suspiro de alívio embaraçosamente alto e passara a torcer muito para que ela não estivesse mentindo. Algumas pessoas do Lavineias mal haviam saído do ensino médio e, embora ele já imaginasse que tinha mais ou menos a idade de Tila — um dia eles haviam conversado sobre como talvez acabassem entrando para o fandom de *Arquivo X* em algum momento, por conta do crush que tiveram na adolescência por Scully e Mulder, respectivamente —, a confirmação explícita de que ele não estava trocando mensagens com uma quase adolescente era... boa.

Não que já tivesse acontecido alguma coisa sugestiva entre os dois, fosse em público ou no privado.

Ainda assim...

A mensagem mais recente de Tila tinha chegado minutos antes. Marcus ficou surpreso ao ver que ela ainda estava acordada. Mas também ficou feliz. Muito feliz.

Ele colocou um travesseiro atrás das costas e se sentou, o corpo apoiado na cabeceira de couro da cama. Então, ainda sorrindo diante da irreverência dela, tomou um gole de água do copo que estava na mesinha ao lado.

Usando o recurso de voz do celular para ditar o texto, ele enviou uma resposta.

Pelo menos agora escrevo finais felizes na maioria das histórias. Me dá um desconto, vai. Não podemos ser todos mestres da fofura. Depois de um instante, Marcus acrescentou: Você já tá indo dormir? Ou quer conversar sobre a sua fanfic e trocar algumas ideias? Caso já tenha escrito alguma coisa, vou ficar feliz de dar uma olhada.

Ou, para ser mais preciso, ficaria feliz de fazer o computador ler o texto em voz alta para ele. Marcus conseguia lidar com mensagens curtas sem precisar de apoio técnico extra, mas decifrar blocos de texto maiores simplesmente levava tempo demais, levando em consideração a agenda de gravação dele.

Com o fim das filmagens, no entanto, Marcus estava com tempo de sobra. Ele não tinha planejado fazer nada de mais até a hora de pegar o voo de volta para Los Angeles à tarde, só descer para tomar café da manhã do hotel e dar uma passada na academia. Se quisesse, poderia ler a fanfic de Tila com os próprios olhos. No entanto, como descobrira ao longo dos anos, não havia por que se esforçar desnecessariamente, e isso não era motivo para se sentir frustrado ou envergonhado. Não quando seu problema relativamente comum tinha soluções relativamente fáceis.

Enquanto esperava pela resposta de Tila, Marcus checkou o e-mail. Ao que parecia, durante a noite ele havia recebido uma

mensagem confidencial de R.J. e Ron, endereçada a todo o elenco e à equipe da série.

Nos últimos dias, vários blogs e canais de mídia têm publicado rumores de insatisfação do elenco em relação ao rumo da nossa temporada final. Vamos ser claros aqui: se alguém que estiver lendo essa mensagem tiver dado início a esses rumores, isso é uma traição inaceitável da nossa confiança e uma quebra do contrato que todos assinaram quando foram contratados para a série.

O trabalho de vocês, como sempre, envolve discrição. Se não forem capazes de manter a discrição necessária, haverá consequências, conforme cláusulas presentes nos já mencionados contratos.

É, a mensagem parecia bem direta. Quem falasse o que não devia sobre a série poderia se preparar para o desemprego, um processo, ou ambos. A cada final de temporada, em todas as temporadas, a equipe recebia um e-mail semelhante com um texto quase idêntico.

A única diferença era que, nas últimas temporadas, aquelas mensagens haviam começado a provocar calafrios em Marcus. Por preocupação com seus colegas. E consigo mesmo também.

Teria Carah saído xingando o arco da história de Dido na temporada final para alguém de fora do elenco? Ou será que Summer havia confessado sua decepção pelo fim abrupto do romance entre Eneias e sua personagem, Lavínia, algo tão inconsistente em relação aos personagens de ambos? Ou talvez Alex...

Merda, Alex. Ele podia ser bem imprudente às vezes. Era impulsivo demais.

Será que Alex havia reclamado com mais alguém além de Marcus sobre a merda que tinha sido a temporada final para o desenvolvimento de personagem do Cupido?

Apesar de seu próprio descontentamento, Marcus não tinha dito uma palavra que fosse para ninguém a respeito da sua opinião sobre o assunto, a não ser para Alex. Se bem que...

Bom, algumas pessoas talvez pudessem argumentar que as fanfics que ele publicava no AO3 e suas mensagens no servidor Lavineias já falavam bastante por si só.

E por *algumas pessoas*, ele queria dizer Ron e R.J.

Se os *showrunners* algum dia descobrissem sobre EmLivros-EneiasNuncaFariaIsso, não haveria um *talvez*. Marcus certamente seria acusado de violar os termos do contrato que tinha assinado e perderia...

Merda, perderia tudo o que havia conquistado após batalhar por mais de duas décadas. E ser processado era o menor dos problemas, para ser sincero. A reputação dele na indústria seria destruída num piscar de olhos. Nenhum diretor iria querer contratar um ator que falava mal de uma produção por trás das câmeras.

Seus colegas de elenco provavelmente também se sentiriam traídos. O mesmo valia para a equipe de filmagem.

Ele devia desistir do alter ego que usava para escrever as fanfics. Sabia disso. E Marcus faria isso, *faria mesmo*, se escrever não significasse tanto para ele, se o grupo do servidor Lavineias não significasse tanto para ele, se Tila...

Tila. Deus. Tila.

Ele queria conhecê-la pessoalmente quase tanto quanto queria um novo caminho para sua carreira e sua vida pública. Mas, diante das circunstâncias, aquilo jamais aconteceria. Então, Marcus valorizaria o que os dois podiam ter. O que já tinham.

E ele não estava disposto a desistir disso. Com ou sem quebra de contrato.

Ele deletou o e-mail de R.J. e Ron, ignorou as outras mensagens na caixa de entrada e resolveu checar o Twitter.

Havia um monte de notificações sobre as fotos que Vika havia postado dele durante a noite, junto com várias referências sacanas ao seu visual. Tinha também alguns pedidos de retuíte e de

parabéns por aniversários, assim como algumas fanarts impressionantes.

Nada que ele precisasse ou tivesse a intenção de responder. De modo geral, ele usava a conta do Twitter apenas para divulgação, retuitando fotos boas e anúncios sobre as convenções a que iria comparecer e episódios que seriam exibidos. De vez em quando, respondia a um tuíte de algum colega de elenco de *Deuses dos Portões*, mas só. Manter a farsa do Golden Retriever Bem Treinado já era exaustivo o bastante na vida real; Marcus não tinha a menor intenção de se manter nesse papel também na internet, a menos que fosse absolutamente necessário.

Sua vida on-line acontecia mesmo em um único site. Bem, na verdade em dois sites: o servidor Lavineias e o AO3.

Tila ainda não havia respondido às suas DMs. Merda.

Mas Marcus podia esperar mais alguns minutos antes de desistir e descer para o café da manhã. Ele soltou um suspiro e voltou a navegar pelas notificações do Twitter, até chegar a algumas de cerca de uma hora antes. Então, hesitou quando uma palavra estranha chamou sua atenção.

Novelha. Não, *novilha*.

Novilha?

Marcus franziu a testa e parou para entender o que estava acontecendo, lendo o tuíte com atenção.

Ele se referia à foto de uma ruiva bonita e curvilínea fazendo cosplay de Lavínia. A mulher aparentemente tinha publicado a imagem em resposta ao pedido da conta oficial de *Deuses dos Portões* por fotos de fãs fantasiados. Então, um imbecil havia postado uns comentários em resposta ao tuíte da ruiva, comparando-a a um animal.

O mesmo idiota também havia marcado Marcus, convidando seu ator favorito a se juntar ao deboche diante da mera ideia de uma mulher como — Marcus checou a @ dela no Twitter — @SempreLavineias ter a audácia de se imaginar capaz de encarnar o interesse amoroso de Eneias na tela.

A ruiva não tinha respondido, mas outros fãs haviam concordado com o primeiro, e merda...

Merda, merda, merda.

Ele não podia simplesmente ignorar aquela situação.

Sua vontade era responder: *Essa mulher é uma graça, e eu não quero ser o ator favorito de um babaca. Pare de assistir a Deuses dos Portões e vá se foder.*

Mas sua agente cairia duro se Marcus fizesse isso. Os *show-runners* da série explodiriam. Sua persona construída com tanto cuidado se racharia, talvez de forma irreparável, fugindo completamente do controle.

Marcus passou a mão pelo rosto, então pressionou a testa enquanto pensava.

Minutos mais tarde, ditou a resposta que tinha resolvido publicar.

Sei reconhecer uma pessoa bonita quando a vejo, provavelmente porque é o que vejo no espelho todo dia. ☺ A @SempreLavinea é linda, e Lavínia não poderia querer uma homenagem melhor.

Ele tentou parar por ali. Tentou mesmo.

Mas, Jesus, o outro cara era um baita imbecil.

Qual é cara, @DeusesDasMinhaManchas retuitou em resposta a Marcus. Sai desse papel hipócrita de cavaleiro de armadura brilhante, como se você algum dia fosse chegar a menos de cinco metros dessa vaca.

O merdinha tinha marcado a pobre @SempreLavineias no tuíte, e Marcus torceu para que ela tivesse silenciado aquela conversa antes de chegar a ler aquilo. Mas, caso isso não tivesse acontecido, ele não poderia deixar as coisas daquele jeito. Simplesmente... não dava.

Marcus passou a seguir @SempreLavieneias. O que fez dela uma das 286 pessoas que ele seguia — e todo o resto era de alguma forma ligado à indústria do cinema e da televisão. Uma rápida olhada no perfil da mulher lhe disse que ela morava na Califórnia. Hum, aquilo era conveniente.

Ele não poderia mandar uma DM para ela logo de cara, já que a ruiva não o seguia. O que era justo, afinal Marcus também não seguiria uma conta tão pouco interessante e pouco usada como a dele.

No entanto, mais de dois milhões de pessoas o seguiam. E ele esperava sinceramente que qualquer outro babaca entre esses seguidores visse seu próximo tuíte.

Não sou nenhum cavaleiro de armadura brilhante, só um homem que gosta da companhia de uma mulher bonita. Quer jantar comigo quando eu voltar para a Califórnia, @SempreLavineias?

Então, Marcus se recostou na cabeceira da cama, de braços cruzados, e esperou a resposta dela.

* * *

Comédia romântica com protagonista gorda traz diversas referências ao universo das fanfics e galã inspirado em Jaime Lannister, de *Game of Thrones*

Marcus Caster-Rupp tem um segredo. Para a mídia, ele é um ator sem graça que só se preocupa com a própria aparência. Para o público de *Deuses das Portões*, ele é Eneias, um dos protagonistas da maior série de TV do momento. Na internet, contudo, sua personalidade é bem diferente: por meio de histórias anônimas sobre seu casal favorito do programa — Eneias e Lavínia —, Marcus expõe suas frustrações com a série. O problema é: se alguém descobrir o que ele anda postando, a carreira dele será arruinada.

April Whittier também tem algo a esconder. Fã incondicional de Lavínia, ela está cansada de separar seu amor por fanfictions e cosplays de sua “vida real”. Quando por fim toma coragem para publicar uma foto da última fantasia que criou, o fato de April não se encaixar no padrão de beleza da sociedade faz com que a imagem acabe atraindo atenção indesejada. Mas o que ela não esperava era que, após ver os comentários maldosos na internet, Marcus saísse em sua defesa e a convidasse para sair.

Durante o encontro, Marcus logo percebe que April é exatamente o tipo de pessoa com quem ele gostaria de se relacionar, uma mulher linda, confiante e inteligente. Mas assim que descobre que ela é a Tiete Da Lavínia, sua amiga virtual mais próxima, ele se dá conta de que precisará tomar ainda mais cuidado para não expor sua persona on-line.

Será que os dois conseguirão parar de se esconder de uma vez por todas, ou esse casal tão shippado terá que acabar muito antes do que o fandom gostaria?

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/alerta-de-spoiler/>

